

**Contos e
Novelas
Portuguesas
do SÉC.XIX**

Biblioteca Online do Conto

Contos e Novelas Portuguesas do Século XIX

2014, Camões, Instituto da Cooperação e da Língua, IP

Orientação: Luísa Costa Gomes

Digitalização e Correção: Inês Fonseca Santos

Revista Ficções / Instituto Camões / Instituto do Livro

Eça de Queirós

UM POETA LÍRICO

Aqui está, simplesmente, sem frases e sem ornatos, a história triste do poeta Korriscoço: de todos os poetas líricos de que tenho notícia é este certamente o mais infeliz. Conheci-o em Londres, no hotel de Charing-Cross, uma madrugada regelada, de Dezembro. Tinha eu chegado do Continente, prostrado por duas horas de Canal da Mancha... Ah que mar! E era só uma brisa fresca de noroeste: mas ali no tombadilho, sob uma capa de oleado de que um marujo me tinha coberto, como se cobre um corpo morto, fustigado da neve e da vaga, oprimido por aquela treva tumultuosa que o paquete ia rompendo aos rancos e aos encontrões – parecia-me um tufão dos mares da China...

Apenas entrei no hotel, gelado e estremunhado, corri ao vasto fogão do peristilo, e ali fiquei, saturando-me daquela paz quente em que a sala estava adormecida, com os olhos beatamente postos na boa brasa escarlate... E foi então que vi aquela figura esguia e longa, já de casaca e gravata branca, que do outro lado da chaminé, de pé, com a taciturna tristeza de uma cegonha que cisma, olhava também os carvões ardentes, com um guardanapo no braço. Mas o porteiro tinha rolado a minha bagagem, e eu fui inscrever-me ao bureau. A guarda-livros tesa e loira, com um perfil antiquado de medalha safada, pousou o seu crochet ao lado da sua chávena de chá, acariciou com um gesto doce os dois bandós loiros, assentou correctamente o meu nome, de dedinho no ar fazendo rebrilhar um diamante e eu ia a subir a vasta escadaria, – quando a figura magra e fatal se dobrou num ângulo, e murmurou-me num inglês silabado:

– Já está servido o almoço das sete...

Mas eu não queria o almoço das sete. Fui dormir.

Mais tarde, já repousado, fresco do banho, quando desci ao restaurante para o lunch, avistei logo, plantado melancolicamente ao pé da larga janela, o indivíduo esguio e triste. A sala estava deserta numa luz parda; os fogões flamejavam; e fora, no silêncio do domingo, nas ruas mudas, a neve caía sem cessar de um céu amarelado e baixo. Eu via apenas as costas do homem: mas havia na sua linha magra e um pouco dobrada uma expressão tão evidente de desalento, que me interessei por aquela figura. O cabelo comprido, de tenor, caído sobre a gola da casaca, era manifestamente de um meridional; e toda a sua magreza friorenta se encolhia ao aspecto daqueles telhados cobertos de neve, na sensação daquele silêncio lívido... Chamei-o. Quando ele se voltou, a sua fisionomia, que apenas entrevira na véspera, impressionou-me: era um carão

longo e triste, muito moreno, de nariz judaico, e uma barba curta e frisada, uma barba de Cristo em estampa romântica; a testa era destas que, em boa literatura, se chama creio eu, uma fronte: era larga e era lustrosa. Tinha olhar encovado e vago, com uma indecisão de sonho nadando num fluido enternecido... E que magreza! quando andava, a calça curta torcia-se em torno da canela como pregas de bandeira em torno de um mastro; a casaca tinha dobras de túnica ampla; as duas abas compridas e agudas eram desgraçadamente grotescas... Recebeu a ordem do meu almoço, sem me olhar, num tédio resignado; arrastou-se para o comptoir onde o maître d'hotel lia a Bíblia, passou a mão pela testa, com um gesto errante e dolente, e disse-lhe numa voz surda:

– Número 307. Duas costeletas. Chá...

O maître d'hotel afastou a Bíblia, inscreveu o menu – e eu, acomodei-me à mesa, e abri o volume de Tennyson que trouxera para almoçar comigo – porque, creio que lhes disse, era domingo, dia sem jornais e sem pão fresco. Fora continuava a nevar sobre a cidade muda. A uma mesa distante um velho cor-de-tijolo, e todo branco de cabelo e de suíças, que acabara de almoçar, dormitava de mãos no ventre, boca aberta, e luneta na ponta do nariz. E o único som vinha da rua, uma voz gemente que a neve abafava mais, uma voz pedinte que à esquina defronte garganteava um salmo... Um domingo de Londres.

Foi o magro que me trouxe o almoço – e apenas ele se aproximou, com o serviço do chá, eu senti logo que aquele volume de Tennyson nas minhas mãos o tinha interessado e impressionado; foi um olhar rápido, gulosamente fixado na página aberta, um estremecimento quase imperceptível, – emoção fugitiva, decerto, porque, depois de ter pousado o serviço, rodou sobre os calcanhares e foi plantar-se melancolicamente à janela, de olho triste e posto na neve triste. Eu atribuí aquele movimento curioso ao esplendor da encadernação do volume que eram os Idílios de El rei, em marroquim negro, com o escudo de armas de Lançarote do Lago – o pelicano de ouro sobre um mar de sinopla. Nessa noite parti no expresso para a Escócia, e ainda não tinha passado York, adormecida na sua gravidade episcopal, já me esquecera o criado romanesco do restaurant de Charing-Cross. Foi só daí a um mês, ao voltar a Londres, que entrando no restaurante, e revendo aquela figura lenta e fatal atravessar com um prato de roast beef numa das mãos, na outra um pudding de batata, senti renascer o antigo interesse. E nessa noite mesmo tive a singular felicidade de saber o seu nome, e de entrever um fragmento do seu passado. Era já tarde e eu voltava do Covent-Garden, quando no peristilo do hotel encontrei, majestoso e próspero, o meu amigo Bracolletti.

Não conhecem Bracolletti? A sua presença é formidável: tem a amplidão pançuda, o negro cerrado da barba, a lentidão, o cerimonial de um paxá gordo: mas esta ponderosa

gravidade turca é temperada, em Bracolletti, pelo sorriso e pelo olhar. Que olhar! Um olhar doce, que me faz lembrar o dos animais da Síria: é a mesma suavidade, o mesmo enternecimento. Parece errar no seu fluido macio a religiosidade meiga das raças que dão os Messias... Mas o sorriso! O sorriso de Bracolletti é a mais complexa, a mais perfeita, a mais rica das expressões humanas; há finura, inocência, bonomia, abandono, ironia doce, persuasão, naqueles dois lábios que se descerram e que deixam brilhar um esmalte de dentes de virgem entre umas barbas de Holofernes... Ah! mas também este sorriso é a fortuna de Bracolletti.

Moralmente Bracolletti é um hábil. Nasceu em Esmirna de pais gregos: é tudo o que ele revela: de resto quando se lhe pergunta pelo seu passado, o bom grego rola um momento a cabeça de ombro a ombro, esconde sob as pálpebras cerradas com bonomia o seu olho maometano, desabrocha o sorriso de uma doçura a tentar abelhas, e murmura, como afogado em bondade e em enternecimento:

– Eh! mon Dieu!... Eh! mon Dieu!...

Nada mais. Parece porém que viajou, – porque conhece o Peru, a Crimeia, o Cabo da Boa Esperança, os países exóticos – tão bem como Regent Street: mas é evidente para todos que a sua existência não foi tecida, como a dos vulgares aventureiros do Levante, de ouro e estopa, de esplendores e pelintras: é um gordo e portanto um prudente: o seu magnífico solitário nunca deixou de lhe brilhar no dedo: nenhum frio jamais o surpreendeu sem uma peliça de dois mil francos: e nunca deixa de ganhar, todas as semanas, no Fraternity Club, de que é um membro querido, dez libras ao whist. É um forte.

Mas tem uma debilidade. É singularmente guloso de rapariguinhas de doze a catorze anos; gosta delas magrinhas, muito loiras, e com o hábito de praguejar. Colecciona as pelos bairros pobres de Londres, com método. Instala as em casa, e ali as tem como passarinhos na gaiola, metendo lhes a papinha no bico, ouvindo as palrar todo baboso, animando as a que lhe roubem os shillings da algibeira, gozando o desenvolvimento dos vícios naquelas flores da lama de Londres, pondo lhes ao alcance as garrafas de gin para que os anjinhos se embebedem; – e quando alguma, excitada de álcool, de cabelo ao vento e face acesa, o injuria, o arrepela, baba obscenidades – o bom Bracolletti, encruzado no sofá, de mãos beatamente cruzadas na pança, o olhar afogado em êxtase, murmura no seu italiano da costa síria:

– Piccolina! Gentileta!

Querido Bracolletti! Foi realmente com prazer, que o abracei, nessa noite em Charing-Cross: e como nos não víamos há muito, fomos cear juntos ao restaurante. O criado triste lá estava no seu comptoir, curvado sobre o «Journal des Débats». E apenas Bracolletti apareceu, na

sua majestade de obeso, o homem estendeu lhe silenciosamente a mão; foi um shake hands solene, enternecido e sincero.

Bom Deus, eram amigos! Arrebatei Bracolletti para o fundo da sala, e vibrando de curiosidade, interroguei o com sofreguidão. Quis primeiro o nome do homem.

– Chama se Korriscooso, disse me Bracolletti, grave.

Quis depois a sua história. Mas Bracolletti, como os deuses da Ática que, nos seus embaraços no mundo, se recolhiam à sua nuvem, Bracolletti refugiou se na sua vaga reticência:

– Eh! mon Dieu!... Eh! mon Dieu!...

– Não, não, Bracolletti. Vejamos. Quero lhe a história... Aquela face fatal e byroniana deve ter uma história...

Bracolletti então tomou todo o ar cândido que lhe permitem a sua pança e as suas barbas – e confessou me, deixando cair as frases às gotas, que tinham viajado ambos na Bulgária e no Montenegro... Korriscooso foi seu secretário... Boa letra... Tempos difíceis... Eh! mon Dieu!...

– Onde é ele?

Bracolletti respondeu sem hesitar, baixando a voz, com um gesto repassado de desconsideração:

– É um grego de Atenas.

O meu interesse sumiu se como água que a areia absorve. Quando se tem viajado no Oriente e nas escalas do Levante, adquire se facilmente o hábito, talvez injusto, de suspeitar do grego: aos primeiros que se vêem, sobretudo tendo-se uma educação universitária e clássica, o entusiasmo acende se um pouco, pensa se em Alcibíades e em Platão, nas glórias de uma raça estética e livre, e perfilam se na imaginação as linhas augustas do Pártenon; mas, depois de os ter frequentado, às mesas redondas, e nos tombadilhos das Messageries, e principalmente depois de ter escutado a lenda de velhacaria que eles têm deixado desde Esmirna até Tunes, os outros que se vêem provocam apenas estes movimentos – abotoar rapidamente o casaco, cruzar fortemente os braços sobre a cadeia do relógio, e aguçar o intelecto para rechaçar a escroquerie. A causa desta reputação funesta – é que a gente grega que emigra para as escalas do Levante é uma plebe torpe, parte pirata e parte lacaia, bando de rapina astuto e perverso. A verdade é que apenas soube Korriscooso um grego, lembrei me logo que o meu belo volume de Tennyson, na minha última estada em Charing-Cross me desaparecera do quarto, e recordei o olhar de gula e de presa que cravara nele Korriscooso... Era um bandido...

E durante a ceia não falámos mais de Korriscosso. Serviu nos outro criado, rubro, honesto e são. O lúgubre Korriscosso não se afastou do comptoir, abismado no «Journal des Débats».

Nessa noite aconteceu, ao recolher me ao meu quarto, que me perdi... O hotel estava atulhado, e eu tinha sido alojado naqueles altos de Charing-Cross, numa complicação de corredores, escadas, recantos, ângulos, onde é quase necessário roteiro e bússola.

De castiçal na mão, penetrei num passadiço onde corria um bafo morno de viela mal arejada. As portas aí não tinham números – mas pequenos cartões colados, onde estavam inscritos nomes – John, Smith, Charlie, Willie... Enfim, eram evidentemente as habitações dos criados. De uma porta aberta saía a claridade de um bico de gás; adiantei-me, e vi logo Korriscosso, ainda de casaca, sentado a uma mesa alastrada de papéis, de testa pendida sobre a mão, escrevendo.

– Pode me indicar o caminho para o número 508? balbuciei.

Ele ergueu para mim um olhar estremunhado e enevoado; parecia ressurgir de muito longe, de um outro universo; batia as pálpebras, repetia:

– 508? 508?...

Foi então que eu avistei sobre a mesa, entre papéis, colarinhos sujos e um rosário – o meu volume de Tennyson! Ele viu o meu olhar, o bandido, e acusou-se todo numa vermelhidão que lhe inundou a face escavada. O meu primeiro movimento foi não reconhecer o livro: como era um movimento bom, e obedecendo logo à moral superior do mestre Talleyrand, reprimi-o; e apontando o volume, com um dedo severo, um dedo de Providência irritada, disse-lhe:

– É o meu Tennyson...

Não sei que resposta ele tartamudeou, porque eu, apiedado, retomado também pelo interesse que me dava aquela figura picaresca de grego sentimental, acrescentei num tom repassado de perdão, e de justificação:

– Grande poeta, não é verdade? Que lhe pareceu? Tenho a certeza que se entusiasmou...

Korriscosso corou mais: mas não era o despeito humilhado do salteador surpreendido: era, julguei eu, a vergonha de ver a sua inteligência, o seu gosto poético adivinhados – e de ter no corpo a casaca coçada de criado de restaurant. Não respondeu. Mas as páginas do volume que eu abri responderam por ele; a brancura das margens largas desaparecia sob uma rede de comentários a lápis: Sublime! Grandioso! Divino! – palavras lançadas numa letra convulsiva, num tremor de mão, agitada por uma sensibilidade vibrante...

No entanto Korriscoço permanecia de pé, respeitoso, culpado, de cabeça baixa, com o laço da gravata branca fugindo para o cachaço. Pobre Korriscoço! Compadeci-me daquela atitude, revelando todo um passado sem sorte, tantas tristezas de dependência... Lembrei-me que nada impressiona o homem do Levante como um gesto de drama e de palco; estendi-lhe ambas as mãos num movimento à Talma, e disse-lhe:

– Eu também sou poeta!...

Esta frase extraordinária pareceria grotesca e impudente a um homem do Norte; o levantino viu logo nela a expansão de uma alma irmã. Porque, não-lhes disse? o que Korriscoço estava escrevendo, numa tira de papel, eram estrofes: era uma ode.

Daí a pouco, com a porta fechada, Korriscoço contava-me a sua história – ou antes fragmentos, anedotas desirmanadas da sua biografia. É tão triste, que a condenso. De resto, havia na sua narração lacunas de anos; – e eu não posso reconstituir com lógica e sequência a história deste sentimental. Tudo é vago e suspeito. Nasceu com efeito em Atenas; seu pai parece que era carregador no Pireu. Aos dezoito anos Korriscoço servia de criado a um médico, e nos intervalos do serviço frequentava a Universidade de Atenas; estas coisas são frequentes lá-bas, como ele dizia. Formou-se em leis; isto habilitou-o mais tarde, em tempos difíceis, a ser um intérprete de hotel. Desse tempo datam as suas primeiras elegias num semanário lírico, intitulado «Ecos da Ática». Isto levou-o directamente à política e às ambições parlamentares. Uma paixão, uma crise patética, um marido brutal, ameaças de morte, forçaram-no a expatriar-se. Viajou na Bulgária, foi em Salonica empregado numa sucursal do Banco Otomano, remeteu endechas dolorosas a um jornal da província – a «Trombeta da Argólida». Aqui há uma dessas lacunas, um buraco negro na sua história. Reaparece em Atenas, com fato novo, liberal e deputado. Este período de glória foi breve, mas suficiente para o pôr em evidência; a sua palavra colorida, poética, recamada de imagens engenhosas e lustrosas, encantou Atenas: tinha o segredo de florir, como ele dizia, os terrenos mais áridos; de uma discussão de imposto ou de viação fazia saltar éclogas de Teócrito. Em Atenas este talento leva ao poder: Korriscoço era indicado para gerir uma alta administração do Estado: o Ministério porém, e com ele a maioria de que Korriscoço era o tenor querido, caíram, sumiram-se, sem lógica constitucional, num destes súbitos desabamentos políticos tão comuns na Grécia, em que os governos se aluem, como as casas em Atenas – sem motivo. Falta de base, decrepitude de materiais e de individualidades... Tudo tende para o pó num solo de ruínas...

Nova lacuna, mergulho obscuro na história de Korriscoço...

Volta à superfície, membro de um club republicano de Atenas, pede num jornal a emancipação da Polónia, e a Grécia governada por um concílio de génios. Publica então os seus Suspiros de Trácia. Tem outro romance de coração... E enfim, – e isto disse mo, sem explicações, – é obrigado a refugiar se em Inglaterra. Depois de tentar em Londres várias posições, coloca se no restaurant de Charing-Cross.

– É um porto de abrigo, disse lhe eu, apertando lhe a mão.

Ele sorriu com amargura. Era decerto um porto de abrigo, e vantajoso. É bem alimentado; as gorjetas são razoáveis: tem um velho colchão de molas, – mas as delicadezas da sua alma são a todo o momento dolorosamente feridas...

Dias atribulados, dias crucificados, os daquele poeta lírico forçado a distribuir numa sala, a burgueses estabelecidos e glutões, costeletas e copos de cerveja! Não é a dependência que o aflige; a sua alma de grego não é particularmente ávida de liberdade; basta lhe que o patrão seja cortês. E, como ele me disse, é lhe grato reconhecer que os fregueses de Charing-Cross nunca lhe pedem a mostarda ou o queijo sem dizer if you please; e quando saem, ao passar por ele, levam dois dedos à aba do chapéu: isto satisfaz a dignidade de Korrisco.

Mas o que o tortura é o contacto constante com o alimento. Se ele fosse um guarda livros de um banqueiro, primeiro caixeiro de um armazém de sedas!... Nisso há sombra de poesia – os milhões que se revolvem, as frotas mercantes, a brutal força do oiro, ou então dispor ricamente os estofos, os cortes de seda, fazer correr a luz nas ondulações dos moirés, dar ao veludo as molezas da linha e da prega... Mas num restaurante como se pode exercer o gosto, a originalidade artística, o instinto da cor, do efeito, do drama – a partir nacos de roast-beef ou de presunto de York?... Depois, como ele disse, dar a comer, fornecer alimento, é servir exclusivamente a pança, a tripa, a baixa necessidade material: no restaurant, o ventre é Deus: a alma fica fora, com o chapéu pendurado no cabide ou com o rolo de jornais que se deixou no bolso do paletot.

E as convivências, e a falta de conversação! Nunca se voltaram para ele senão para lhe pedirem salame ou sardinhas de Nantes! Nunca abrir os seus lábios, donde pendia o Parlamento de Atenas, senão para perguntar: – mais pão? mais bife? Esta privação de eloquência é lhe dolorosa.

Além disso o serviço impede lhe o trabalho. Korrisco compõe de memória: quatro passeios pelo quarto, um repelão ao cabelo, e a ode sai lhe harmónica e doce... Mas a interrupção glutona da voz do freguês pedindo nutrição é fatal a esta maneira de trabalhar. Às vezes, encostado a uma janela, de guardanapo no braço, Korrisco está fazendo uma elegia: são tudo

luares, roupagens alvas de virgens pálidas, horizontes celestes, flores de alma dolorida... É feliz; está remontado aos céus poéticos, nas planícies azuladas onde os sonhos acampam, galopando de estrela em estrela... De repente uma grossa voz faminta berra de um canto:

– Bife e batatas!

Ai, as aladas fantasias batem o voo como pombas espavoridas! E aí vem o infeliz Korrisco, precipitado dos cimos ideais, de ombros vergados e abas da casaca balouçando, perguntar com o sorriso lívido:

– Passado ou meio-cru?

Ah! é um amargo destino!

– Mas, perguntei lhe eu, porque não deixa este covil, este templo do ventre?

Ele deixou pender a sua bela cabeça de poeta. E disse-me a razão que o prende: disse-me, quase chorando nos meus braços, com o nó da gravata branca no cachaço. Korrisco ama.

Ama uma Fanny, criada de todo o serviço em Charing-Cross. Ama-a desde o primeiro dia em que entrou no hotel: amou-a no momento em que a viu lavando as escadas de pedra, com os braços roliços nus, e os cabelos loiros, os fatais cabelos loiros, deste loiro que entontece os meridionais, cabelos ricos, de um tom de cobre, de um tom de ouro mate, torcendo-se numa trança de deusa. E depois a carnção, uma carnção de inglesa de Yorkshire – leite e rosas...

E o que Korrisco tem sofrido! Toda a sua dor exala-a em odes – que passa-a limpo ao domingo, dia de repouso e dia do Senhor! Leu-as. E eu vi quanto a paixão pode perturbar um ser nervoso: que ferocidade de linguagem, que lances de desespero, que gritos de alma dilacerada arremessados dali, daqueles altos de Charing-Cross, para a mudez do céu frio! E que Korrisco tem ciúmes. A desgraçada Fanny ignora aquele poeta a seu lado, aquele delicado, aquele sentimental; e ama um policeman. Ama um policeman, um colosso, um alcides, uma montanha de carne erriçada de uma floresta de barbas, com o peito como o flanco de um couraçado, com pernas como fortalezas normandas. Este Polifemo, como diz Korrisco, tem ordinariamente serviço no Strand; e a pobre Fanny passa o seu dia a espreitá-lo de um postigo, dos altos do hotel. Todas as suas economias as gasta em quartilhos de gin, de brandy, de genebra, que à noite lhe leva em copinhos debaixo do avental; mantém no fiel pelo álcool; o monstro, plantado enormemente a uma esquina, recebe em silêncio o copo, atira-o de um golpe às fauces tenebrosas, arrota cavamente, passa a mão cabeluda pela barba de hércules, e segue taciturnamente, sem um obrigado, sem um amo-te, batendo o lajedo com a vastidão das suas solas sonoras. A pobre Fanny admira-o babosa... E talvez nesse momento, à outra esquina, o

magro Korriscoço, fazendo no nevoeiro um esguio relevo de poste telegráfico, soluça com a face magra entre as mãos transparentes.

Pobre Korriscoço! Se ele ao menos a pudesse comover... Mas quê! Ela despreza lhe o corpo de tísico triste: e a alma não lha compreende... Não que Fanny seja inacessível a sentimentos ardentes expressos numa linguagem melodiosa... Mas Korriscoço só pode escrever as suas elegias na sua língua materna... E Fanny não compreende grego... E Korriscoço é só um grande homem – em grego!...

Quando descí ao meu quarto, deixei o soluçando sobre o catre. Tenho o visto depois, outras vezes, ao passar em Londres. Está mais magro, mais fatal, mais mirrado de zelos, mais curvado quando se move pelo restaurante com a travessa do roast-beef, mais exaltado no seu lirismo... Sempre que ele me serve dou lhe um shelling de gorjeta: e depois, ao sair, aperto lhe sinceramente a mão.

In **QUEIRÓS, Eça. CONTOS**, edição organizada por Luiz Fagundes Duarte, Lisboa, Dom Quixote, 2002, pp. 47-59.